

02-02-2022

# PSICOPATA

## VOCÊ JÁ VIU ALGUM DE PERTO? (I)

### Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Por sermos todos educados, aqui na Coluna Opinião, emitimos nossas opiniões com parcimônia, polidez, argumentos. Este espaço não é como a baixaria de muitas das redes sociais, onde as mentiras correm soltas, a falta de vergonha corre solta, a falta de caráter corre solta, a destruição da humanidade corre solta, o nazismo e o fascismo correm soltos, a pilantragem corre solta e a cara de pau dos políticos com mandato corre solta!!

Mas, convenhamos, o problema não é dos milicianos, garimpeiros, grileiros e empresários da ilegalidade, dos médicos negacionistas, dos militares que desonram a missão do Estado de Direito, dos policiais assassinos, dos juízes mancomunados e muito menos de deputados e senadores que se locupletam e riem na nossa cara, com o auxílio luxuoso de muitos de nossos parentes e vizinhos que gritam Mito para um ser desqualificado.

Minha opinião com a ajuda de minha coluna vertebral, que atualmente se verga ao peso da destruição descarada do Brasil, é que precisamos incluir em algum cantinho deste espaço um debate sobre a mente humana.

Vamos juntos invocar os deuses da psiquiatria, da psicologia, da psicanálise, da bruxaria e tentar entender o comportamento dos psicopatas. ....

Você já viu algum psicopata de perto? Sei que é uma pergunta difícil de responder, pois há uma certa indefinição conceitual sobre esse tipo de ser humano.

Uma das características do tipo é a perversidade.

Mas não podemos achar que aquele coleguinha malvado da escola, aquele colega traíra do trabalho, aquele vizinho criador de caso são psicopatas pelas maldades que fazem no cotidiano das relações. O psicopata é mais complexo.

Bem mais complexo. Também daqueles com quem não temos relações mais próximas não podemos tirar conclusões definitivas, como os tipos que povoam nossa vida de relação seja através dos relatos de amigos, seja pela mídia, seja pela literatura. Pois, recentemente, tive a rara oportunidade de ver vários psicopatas bem de perto.

Mas, para não ter dúvida e ser correto em minha análise recorri aos conceitos que as ciências da mente humana nos ensinam. Marquei um encontro com um amigo, companheiro de infância e adolescência nas ladeiras carnavalescas de Olinda. Ele pediu que não citasse seu nome. Como médico, psiquiatra e psicanalista ele vem sendo perseguido nos últimos quatro anos, junto à classe

médica, por suas convicções políticas e científicas.

As informações que trago aqui me foram referenciadas por ele, inclusive com vasta bibliografia e inúmeras fontes da internet. Todavia, eu não deixei de emitir minha própria opinião e fazer minhas próprias pesquisas. Como as séries hoje estão na moda, peço licença a vocês pra escrever sobre esse tema tão crucial pra nós e para o Brasil, em três capítulos. Que eu tenha a sorte de ser acompanhado por vocês nesta série. Começo este primeiro capítulo falando sobre a minha impressão, como comunicador social, sobre o que é um psicopata. Na minha formação, a grade curricular gira em torno, especialmente, do marketing e das questões estruturantes para um desempenho operacional geralmente voltado para habilidades em comunicação e publicidade em geral. Temas, como criação em computação gráfica, relação com mídias digitais e inovação cibernética, comportamento do binômio consumo-consumidor, arte e estética comunicacional, um pouco de história do campo, sociologia e psicologia da comunicação, entre outras abordagens, e muito muito trabalho prático. A única área próxima do tema da psicopatia - a psicologia da comunicação - por razões óbvias não a aborda. Mesmo nas disciplinas de marketing de relacionamento e emocional; de ambientes digitais e político e eleitoral, nunca ouvi a palavra psicopata na faculdade. Imagino que em outras áreas, mesmo na área da saúde, essa palavra seja mais de corredores e conversas de boteco do que de temas com que lidamos em nossas áreas. É o caso, atualmente, em que lidamos com lideranças corporativas, empresariais, políticas e institucionais cujos comportamentos em tudo assemelham-se à psicopatia.

São comportamentos coletivos que repercutem nas relações sociopolíticas como um todo. É bem evidente, hoje para mim, que não se pode trabalhar a comunicação social, especialmente focada na publicidade, sem considerar o fator psicopatogênico de indução, por parte de lideranças, a comportamentos coletivos que façam aflorar tipos distintos de psicopatias. Um deles, bem simples e mais direto, é a defesa da liberação de armas de fogo. A indústria de armas é o único segmento de produção de bens de consumo que tem como objeto a venda de um produto que tem como único resultado o ferimento ou a morte do outro. Por isso, a despeito da propaganda que se faz sobre a importância de se armar a população, essa indústria (ainda) não é propagandeada ao lado de remédios e automóveis. Estes podem, eventualmente, matar mais do que armas, mas não é esse o seu objetivo. E onde entra o psicopata nessa história? Simples. A contenção dada pelas relações de direitos e deveres do processo civilizatório não dá ao psicopata a oportunidade de ter à mão um instrumento exclusivo para dar vazão aos seus traços e instintos que as áreas da saúde mental vêm estudando, conforme vamos ver no segundo capítulo desta série.

\*\*\*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*